

O livro e a mulher

18 MAI 2007

JORNAL DO BRASIL



José Sarney,
ex-presidente da República,
senador e integrante da
Academia Brasileira de Letras

D S T Q Q S S

QUANDO FIZEMOS A REESTRUTURAÇÃO ADMINISTRATIVA do Senado Federal, através da Fundação Ge-

túlio Vargas, criamos dois órgãos de grande utilidade para melhoria da qualidade do trabalho legislativo: o Instituto Legislativo Brasileiro (ILB) e o Conselho Editorial. O primeiro, para reciclar os funcionários, promover cursos, aperfeiçoar conhecimentos e ser um instrumento para altos estudos de política. Esse instituto cresceu com a Universidade do Legislativo (Unilegis), que hoje presta excelentes serviços à cultura política do país, com cursos regulares e de excelente qualidade.

O Conselho Editorial já publicou mais de mil títulos – livros que, não se destinando ao mercado comercial, não são mais reeditados e, portanto, as novas gerações a eles não têm acesso. Recorro apenas algumas raridades que

reditamos como as *Ordenações filipinas*, *Conselhos aos governantes*, que se encaixam nos clássicos da fascinante literatura sobre a arte do poder.

Não concordo com as estatísticas que dizem que depois dos 70 anos só 2% das pessoas lêem

Agora, está saindo uma obra preciosa. Mais do que um livro, é uma coroa de sonetos – no falar de antigamente – a essa maior descoberta do homem que é o próprio livro. É o trabalho de Eduardo Frieiro, um hino de amor, que ido-

latra tudo aquilo que tem a ver com o livro. Começa com a instigante comparação entre o livro e a mulher, dizendo que a arte de amar o livro é uma arte de amar o amor. E sai com essa conclusão sábia de que “mulheres e livros são nossas amadas e guias”.

Desenvolve o raciocínio de que o amante quer possuir só para si o objeto do seu amor, e o bibliófilo também tem o mesmo sentimento. E diz que este tem algo de erótico, porque enquanto o *homo eroticus* quer amar todas as mulheres, os bibliófilos querem possuir todos os livros, como Boulard – citado como exemplo – que era um Don Juan dos livros, concluindo com uma frase de Charles Nodier: “Depois do prazer de possuir livros, não há outro mais grato do que falar deles”.

Anos leva a fascinante história dos grandes livros, do nosso *Dom Quixote*, de Cervantes, um livro que foi escrito não para ser lido, mas para sempre ser relido, principalmente quando entramos naquela idade da releitura, fase em que vivemos, como ressaltava Azorin: “Toda sua profunda espiritualidade e todo o seu confortador consolo”.

Só não concordo com as estatísticas de Frieiro de que depois dos 70 anos somente 2% das pessoas lêem. Estou nessa faixa, tenho a “bulimia livresca”.

Se isso for verdade, pobre da velhice. Sem mais tempo e sem mais livros.

Mallarmé – recorda Frieiro – dizia: “Tudo o que existe é feito para acabar em livro”.